

Jared M. Diamond. *Collapse: How Societies Choose to Fail or Succeed*. Nova York: Viking, 2005. 592 pp. ISBN: 0670033375

O livro, que aqui designarei, informalmente, como *Colapso*, escrito pelo Prémio Pulitzer Jared Diamond, aborda diversos fenómenos (como os furacões Rita, Katrina e Ofélia), fortemente demonstrativos que a questão ecológica, mais do que nunca, está na agenda de todos os que se preocupam com o futuro do planeta. No prólogo do livro, Diamond sintetiza o seu argumento, da seguinte forma: (p.18) 'Este livro emprega o método comparativo para compreender os colapsos para os quais os problemas ambientais contribuem [...]. Comparo muitas sociedades, passadas e actuais, que diferem em termos da sua fragilidade ambiental, relações de vizinhança, instituições políticas, e outras variáveis de "input" destinadas a influenciar a estabilidade social. As variáveis de "output" que examino são "o colapso ou a sobrevivência" e "o tipo de colapso", se este ocorrer. Correlacionando as variáveis de output com as variáveis de input, pretendo esclarecer a influência destas últimas nos colapsos'.

O best-seller conta a história de civilizações que usaram mal os seus recursos naturais e desprezaram os sinais de desgaste enviados pelo meio ambiente. O fim de todas essas sociedades justifica o título da publicação: *Colapso*.

Jared Diamond é dono de uma prosa envolvente, de um texto fluente e saboroso, recheado de dados, factos e notas pessoais. Esses são alguns dos ingredientes fundamentais que o autor utiliza para prender a atenção de quem se dispõe a viajar pelas 576 páginas do seu texto. Ambientalista e cientista, o autor não poderá jamais ser acusado, porém, de ser um catastrofista ou pessimista. A sua sensatez é, por demais, cristalina e cativante. Além de narrar os desastres, Diamond arrola no seu livro as sociedades que souberam mudar de rumo e evitar a tragédia, caso dos Shoguns da era Tokugawa, que implementaram um ambicioso e bem-sucedido processo de reflorestamento no Japão.

Em *Colapso*, Diamond regressa à tentativa ousada de fazer uma 'história natural' da história humana, eliminando a fronteira entre os estudos sociais e as ciências como a geologia, a arqueologia e a evolução. O seu primeiro mergulho nessa cientificação do

passado foi o estrondoso livro *Armas, Gênes e Aço*, no qual o biólogo atribuiu o triunfo da civilização europeia a factores geográficos e ambientais. Este livro faz o caminho inverso.

Os colapsos históricos são contrapostos a histórias de sucesso, antigas e modernas, sendo, talvez, o contraste mais impressionante a comparação entre a ilha de Páscoa e o Japão, ambas sociedades complexas que floresceram em ilhas do Pacífico. Os habitantes de Páscoa (Rapa Nui, na língua local) ficaram famosos pelas gigantescas estátuas de pedra que construíram (moai). No apogeu do período de construção dos moai, no entanto, Páscoa foi completamente desflorestada, o que levou à fome e morte massificada. Na mesma época, entre os séculos XVII e XVIII, o mesmo problema de desflorestação ameaçava o Japão da Era dos Tokugawa. A resposta dos Shoguns foi diferente: o governo iniciou um processo maciço de reflorestamento que fez do Japão um dos países mais verdes do mundo (80% de seu território é, hoje, coberto por florestas).

Por isso, Jared Diamond defende, em *Colapso*, que antigas civilizações, como a dos maias ou a da Ilha de Páscoa, desapareceram, intrinsicamente, por via do colapso ou da destruição ecológica. Segundo o autor, seres vivos, atmosfera e oceanos integram-se num nível sistémico, intrincado e complexo. Os maias, os anasazis do Novo México, os vikings nas suas colónias da Groenlândia, os moradores da Ilha de Páscoa e, mais recentemente, Haiti e Ruanda são os principais personagens de *Colapso*, ou como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso. Diamond desenvolve, assim, um paralelo entre as crises que diferentes povos enfrentaram, no passado, e a crise ambiental que o planeta enfrenta hoje.

Embora poucos saibam disso, a maior construção humana das Américas até o final do século XIX, era o *pueblo* de Chaco Canyon, em pleno deserto do Novo México, erguido por volta do ano 900, por um povo conhecido por anasazi. Tratava-se de uma maciça construção de cinco andares, 650 habitações e mais de 201 metros de comprimento por 95 de largura. O complexo podia alojar cerca de 3.000 pessoas e consumiu mais de 200 mil magníficos troncos de árvore de cinco metros cada um. E esse era apenas um dos vários *pueblos* similares construídos pelos anasazi. Imagine-se o quanto deve ter sido

surpreendente para os conquistadores espanhóis descobrir aquelas gigantescas construções em pleno deserto, abandonadas, porém, havia séculos, quando os espanhóis chegaram à região. Não havia mais nenhum vestígio dos anasazi, excepto referências a eles na cultura dos índios navajos ('anasazi' em navajo quer dizer simplesmente 'os antigos').

Quando os pueblos foram construídos, eram cercados não por um deserto vazio, mas por uma gloriosa floresta de árvores decíduas e de pinheiros. Os anasazi formaram, durante séculos, uma cultura vigorosa, com várias dezenas de milhares de pessoas. Com a expansão da sociedade anasazi, porém, as florestas foram sendo gradualmente destruídas para agricultura, como lenha para combustível e madeira para construção. A história daí em diante é contada em conjunto pela arqueologia e pelos vestígios fósseis de vegetação, datados por radiocarbono. Os estudos demonstram que os anasazi tiveram de ir, cada vez mais longe, para buscar madeira, percorrendo distâncias até 80 quilómetros. A investigação mostra também como eles lutaram bravamente para salvar a sua agricultura da erosão do solo exposto pela remoção da cobertura florestal, fazendo canais de irrigação. Esta foi uma longa agonia, mas era uma batalha perdida contra os efeitos da devastação que os próprios anasazi haviam provocado. Ao fim de cerca de trezentos anos, os pueblos estavam no meio de um deserto hostil, criado pelos seus próprios habitantes, que tiveram de abandoná-los. Ninguém sabe o que aconteceu com os anasazi depois disso. Muitas outras civilizações do passado têm histórias semelhantes, de um colapso total, pelo facto de terem destruído o seu ambiente e, juntamente com o ambiente, os seus recursos de futuro. A este propósito, Diamond cita, também, o exemplo dos maias da América Central que construíram uma das mais complexas civilizações pré-colombianas. O seu passado glorioso é testemunhado por templos monumentais, avanços na matemática, objectos de arte incomparáveis. Por volta do século VIII, a população cresceu e, para alimentá-la, o ritmo de destruição da floresta acelerou-se, abrindo espaço para o cultivo de milho. O solo esgotou-se rapidamente e, para complicar a situação, alguns ciclos de seca reduziram a produção de alimentos na região. Governantes e sacerdotes, porém, mantiveram os seus estilos de vida e a cons-

trução de templos e palácios. O resultado foi o esgotamento dos recursos naturais e a extinção da civilização maia.

Os avanços da arqueologia e das ciências que a auxiliam na reconstrução de ambientes antigos têm permitido elucidar vários desses casos, com um grau de detalhe que nem sequer podíamos sonhar há algumas décadas. Os casos longamente analisados por Diamond, em *Colapso*, incluem ainda os povos da ilha da Páscoa, das colónias vikings na Groenlândia e na América do Norte e das ilhas de Henderson e Pitcairn, no Pacífico. De facto, em muitas ocasiões, ao longo da história, a decadência de várias culturas foi acontecendo, à medida que essas sociedades destruíram o seu ambiente e esgotaram a base de recursos dos quais dependiam. Isso explica, por exemplo, por que o centro da civilização ocidental foi, gradativamente, se deslocando do Oriente Médio para o oeste. O Oriente Médio foi, na Antiguidade, uma área fertilíssima, que incluía o chamado Crescente Fértil. Certamente, não é por acaso que a Bíblia coloca o Éden naquela região. Hoje, é pouco mais que uma colecção de desertos estéreis feitos pelo homem, como, aliás, a grande maioria dos desertos, no mundo. A supremacia foi passando, gradativamente, para a Grécia, depois para Roma e para a Europa ocidental, deixando, no caminho da civilização, países desflorestados, solos esgotados e a natureza devastada.

Hoje em dia, com a exponencial intensificação do comércio global, essa lógica poderia não se aplicar de forma tão clara, dado que um país pode manter-se economicamente forte, importando recursos de outros países numa escala sem precedentes – e, consequentemente, exportando para esses países os impactos ecológicos associados à extracção de tais recursos. Ainda assim, é perturbador notar que os exemplos de 'colapsos ecológicos' citados por Diamond incluem situações actuais como Ruanda, Haiti ou o estado de Montana, nos Estados Unidos. O colapso de sociedades e civilizações que degradaram o seu ambiente vem sendo, assim, reconhecido como um dos grandes motores da história.

A receita de Jared Diamond, para evitar o desastre é simples e resume-se numa palavra: coragem. De acordo com o autor, o planeta, hoje, convive com 12 graves categorias de problemas ambientais. A lista é nossa velha conhecida. Os primeiros 8 pontos da

lista que se segue eram aqueles com os quais os antigos conviviam. Actualmente, porém, acrescentámos mais quatro à lista que, já por si, era preocupante:

1. Desflorestação e destruição de habitats naturais.
2. Problemas com o solo (erosão, salinização e perda de fertilidade).
3. Esgotamento dos recursos hídricos.
4. Perda da biodiversidade (sobrecarga, sobrepesca).
5. Redução das fontes de alimento selvagem (sobrecarga, sobrepesca).
6. Transferência de espécies exóticas para novos habitats.
7. Aumento demográfico.
8. Aumento per capita do impacto dos seres humanos.
9. Mudanças climáticas provocadas pelo homem.
10. Acumulação de produtos químicos tóxicos no ambiente.
11. Carência de recursos energéticos.
12. Dependência dos combustíveis fósseis e uso total da capacidade fotossintética do planeta.

O autor enfatiza, assim, que os problemas devem ser vistos de forma sistémica, uma vez que o agravamento de qualquer um desses problemas potencializa os demais. Diamond adverte, além disso, que a maioria destas 12 ameaças se tornará crítica nas próximas décadas. O risco é crescente e tem dimensão mundial, e, caso não se implementem contra-medidas, teremos o mesmo destino da Somália e do Ruanda. No entanto, o autor não crê num cenário apocalíptico de extinção da humanidade ou da civilização industrial. Por isso, refere que muitas sociedades do passado se depararam com os efeitos danosos do desflorestamento. Algumas destas sociedades que se confrontaram com o problema – as terras altas da Nova Guiné, Japão, Tikopia e Tonga – desenvolveram uma estratégia de reflorestação bem-sucedida e continuaram a prosperar. Outras, porém – a ilha de Páscoa, Mangareva e a Groenlândia, nomeadamente – não tiveram o mesmo sucesso e, por isso, entraram em colapso. Os resultados foram distintos, em parte, devido a diferenças de valores culturais, interesses económicos, estrutura social e das condições da organização política, desenvolvendo diferentes níveis de capacidade para perceber a degradação e de tentar revertê-la. Portanto,

não se pode dizer que todas as sociedades estão fadadas ao fracasso, devido à degradação ambiental, nem que a degradação ambiental constitua uma causa intransponível na determinação do destino de uma sociedade ou do mundo. Para Jared Diamond, procurar compreender o que tornou algumas sociedades susceptíveis de desaparecimento físico e/ou cultural poderá fazer com que possamos aprender, produtivamente, com o passado, se avaliarmos cuidadosamente as suas lições.

Nenhum agrupamento humano está livre da armadilha potencial de sobre-utilizar recursos ambientais. A princípio, os recursos parecem inesgotáveis e têm suas reduções muitas vezes mascaradas por oscilações normais ao longo dos anos. As aparências, porém, enganam. Depois, quando se mostram críticos os níveis do recurso em questão, é difícil fazer as pessoas mudarem de atitude. Diamond ressalta que se 'os problemas ambientais de hoje são difíceis de administrar, certamente o eram ainda mais no passado' e as sociedades que entraram em colapso nada tinham de estúpidas ou primitivas. Mas adverte que as diferenças entre o mundo moderno e as sociedades do passado impedem que soluções simples e directamente transferíveis venham a ser extraídas do estudo do passado. Temos hoje uma 'poderosa tecnologia' e uma sociedade global, com tudo que isso tem de bom e de mau. Apesar da baixa natalidade da população ocidental, a população mundial, porém, continua a crescer e ameaça ultrapassar a capacidade de suporte da Terra.

Neste sentido, *Colapso* mostra que é sempre problemática e desafiadora a relação dos seres humanos com o ambiente, mas, por exemplo, os islandeses e os habitantes de Tikopia, entre outros, conseguiram resolver problemas ambientais muito complexos e puderam, assim, garantir as condições da sua própria continuidade. Os colonizadores noruegueses, inadvertidamente, destruíram grande parte do solo da Islândia e a maioria de suas florestas, mas os islandeses acabaram aprendendo com a experiência e adoptaram rigorosas medidas de protecção ambiental. Agora desfrutam de uma das rendas nacionais per capita mais altas do mundo. Por sua vez, os habitantes de Tikopia, que vivem muito longe até do vizinho mais próximo, tiveram de se tornar auto-suficientes em quase tudo; por meio de uma meticulosa administração

dos seus recursos e de um rigoroso controle do crescimento populacional, mantiveram a sua ilha produtiva, mesmo após três mil anos de ocupação humana.

Em absoluto contraste, porém, a ilha de Páscoa fornece o exemplo de um dos desastres ecológicos mais dramáticos do passado. As gigantescas estátuas de pedra que contam parte da história de seus habitantes foram obra humana, demasiado humana, de custo ambiental excessivamente alto. O resultado é que ficaram poucos pascoenses para contar a história e repovoar a ilha. O seu isolamento faz desta ilha o mais eloquente exemplo de uma sociedade que se destruiu por abusar de seus recursos. Além dos impactos ambientais humanos – sobretudo desflorestamento e extinção das aves – os factores políticos, sociais e religiosos foram também determinantes: A impossibilidade da emigração como válvula de escape, o foco na construção de estátuas e a competição entre clãs e chefes instigaram a construção de estátuas cada vez maiores, requerendo mais madeira, mais cordas, mais alimentos.

A propósito de uma comparação entre o mundo global de hoje e as antigas culturas que entraram em colapso, a ilha da Páscoa, em particular, Diamond refere, porém (p.119): ‘Claro que a metáfora é imperfeita. A situação actual difere em importantes aspectos das sociedades antigas. Algumas dessas diferenças beneficiam-nos em termos da diminuição do risco ambiental, outras prejudicam-nos’. Apesar de tudo, o livro convida a reflectir: Será racional pensar que a actual população mundial, com toda a potente tecnologia moderna de que dispõe, está a destruir o ambiente à escala planetária a um ritmo muito mais rápido do que algumas culturas insulares, usando apenas instrumentos de pedra e madeira, o haviam feito no passado a nível local? Será que a tecnologia actual irá resolver os nossos problemas ou está a criar novas ameaças mais depressa do que soluciona as antigas? Quando esgotamos um recurso, seremos capazes de o substituir por um recurso novo? Se pedras e madeira como ferramentas e músculos como fonte de energia conseguiram destruir uma sociedade, o que estaremos nós a fazer?

Desta forma, fica implícito, no que diz Diamond, que confiar em tecnologias capazes de salvar o mundo é uma abordagem temerária. Mais do que o puro recurso a novas tecnologias, serão as políticas e estratégias

seguidas a fundamental questão de futuro. Tanto as sociedades que entraram em colapso no passado, como aquelas que correm risco de colapso no presente, dispunham de sofisticados aparatos tecnológicos, para os padrões de cada época, mas as sociedades que foram bem sucedidas deveram-no à aplicação de políticas e medidas de protecção ambiental.

O livro termina referindo que, uma vez que somos a causa dos nossos problemas ambientais, também somos os únicos que poderão controlar esses problemas. Temos o poder de escolher fazê-lo ou não. Talvez ainda possamos aprender com o passado, mas só se avaliarmos bem as suas lições. Diamond deposita esperança em que haja suficientes pessoas a querer fazer a diferença positiva.

Margarida Pocinho

*Escola Superior de Tecnologias da Saúde
de Coimbra*

Stephanie McLuhan e David Staines (eds.). 2005. *McLuhan por McLuhan: Conferências e Entrevistas Inéditas do Profeta da Globalização*. Rio de Janeiro: Editora Ediouro. 367 pp. ISBN: 85-00-01648-5.

‘Não consigo pensar em outra figura que haja dominado todo um campo de estudo na segunda metade do século XX. Na virada do século XIX e nas primeiras do século XX, houve Darwin na Biologia, Marx na Ciência Política, Einstein na Física e Freud na Psicologia. Depois deles, só houve McLuhan nos estudos da comunicação’. Esta citação (p.11) é de Tom Wolfe – escritor norte americano conhecido pelos sucessos *A Fogueira das Vaidades* e *Os Eleitos* (ambos, mais tarde, adaptados com enorme sucesso ao cinema) e percursor do chamado novo jornalismo – referindo-se a Marshall McLuhan (1911-1980), no excelente prefácio que assina para o livro *McLuhan por McLuhan: Entrevistas e Conferências Inéditas do Profeta da Globalização* que a editora brasileira Ediouro traduziu e publicou em 2005.

O pensamento de McLuhan está bem vivo, no Brasil. De facto, a par deste título destacam-se, no panorama editorial brasileiro, muitos outros livros de McLuhan, situação